



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

HUMANAS E SOCIAIS

ISSN IMPRESSO 2316-333X

ISSN ELETRÔNICO 2316-3828

GÊNERO E MÍDIA: UM OLHAR SOBRE A MULHER IDOSA EM NARRATIVAS FÍLMICAS BRASILEIRAS

Ana Regina Messias ¹

RESUMO

O proposto deste texto é uma observação do cinema como mediador de representações em torno das identidades culturais de mulheres idosas. A partir de aportes teóricos de autores como Alda Motta, Ana Amélia Camarano, Anthony Seeger, Edgar Morin, Guita Debert, Lucia Santaella, Simone de Beauvoir entre outros, será realizado um estudo tendo como centro as protagonistas de dois filmes da cinematografia brasileira: *Central do Brasil* e *Depois daquele baile*. A discussão se dá em torno de questões de representações das identidades culturais brasileiras de Dora e Doris, atentando para como elas se relacionam afetivamente e socialmente por serem mulheres que inovam, participam e acompanham os avanços da sociedade. Observar as obras fílmicas é viável porque filme é uma reconstrução da realidade e o cinema torna os indivíduos testemunhas da ação ali representada.

PALAVRAS-CHAVE

Mulher Idosa. Cinema. Mídia. Representação. Sociedade.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the film as a mediator of representations about the cultural identities of elderly women. Based on theoretical contributions from authors such as Anil Motta, Ana Amelia Camarano, Anthony Seeger, Edgar Morin, Guita Debert, Lucia Santaella, Simone de Beauvoir and others, it will be conducted a study centered on two protagonists of Brazilian films: *Central do Brasil* and *Depois daquele baile*. The discussion is about issues related to the representations of the Brazilian cultural identities of Dora and Doris, noting how they are emotionally and socially related, since they are women who innovate, participate and monitor the progress of society. The observation of films is feasible because the movie is a reconstruction of the reality and it transforms individuals into witness of the actions which are represented.

KEYWORDS

Elderly Woman. Cinema. Media. Representation. Society.

RESUMEN

Este texto tiene el objetivo de ser un mediador de las representaciones sobre las identidades culturales de las mujeres mayores. A partir de las aportaciones teóricas de autores como Anil Motta, Ana Amelia Camarano, Anthony Seeger, Edgar Morin, Debert Guita, Lucia Santaella, Simone de Beauvoir y otros, se llevará a cabo el estudio que se centró en torno a las dos protagonistas de películas de cine de Brasil: *Central do Brasil* y *Depois daquele baile*. La discusión gira en torno a cuestiones de representación de las identidades culturales brasileña Dora

y Doris, tomando nota de cómo se relacionan emocionalmente y socialmente, porque son mujeres que innovan, participan y acompañan el progreso de la sociedad. Observar las obras fílmicas es factible porque la película es una reconstrucción de la realidad y la película hace que las personas sean testigos de la acción representada.

PALABRAS CLAVE

Mujer mayor. Cine. Media. Representación. Sociedad.

Idosos com freqüência são personagens do cinema, e sua presença como figuras centrais nos filmes, [...] tem ganho um espaço cada vez maior. (DEBERT)

1 INTRODUÇÃO

Este texto tem como base a dissertação cujo título é “Um olhar sobre a mulher idosa em narrativas fílmicas brasileiras”. E o olhar aqui exibido se dá por meio das protagonistas de dois filmes da cinematografia brasileira: *Dora – Central do Brasil* (1998) e *Dóris – Depois daquele baile* (2005).

Considerada como o último período da vida normal, a velhice caracteriza-se pelo enfraquecimento das funções vitais, estado de redução das forças físicas e das faculdades mentais que acompanha habitualmente esse período.

Na velhice, os sinais são denunciados por meio do corpo, que sofre transformações com a passagem do tempo como as rugas e os cabelos brancos. E, na atual sociedade, a mulher idosa é caracterizada com atributos negativos, como a imagem de um corpo “imper-

feito”, “enrugado”, e “enfraquecido”; porém, o corpo não revela por si só o envelhecer, pois é a velhice que, enquanto estigma, instala-se nele.

A velhice não é uma categoria natural, mas uma categoria que é socialmente construída, isto é, que faz distinção entre um fato natural (ciclo biológico, do ser humano) e um fato universal (fatores sociais e históricos), os quais proporcionam formas diferentes de se conceber e viver o envelhecimento (DEBERT, 1999). Para Simone de Beauvoir (1990, p. 345), velhice é “o que acontece às pessoas que ficam velhas”.

A chamada “revolução da longevidade” – envelhecimento populacional, que está acontecendo no mundo e no Brasil –, é um dos desafios para o século XXI. Esse fato indica a necessidade de formulação de políticas públicas para atender essa população com idade

cada vez mais avançada, assim como para os diversos grupos etários. Portanto, se faz necessário repensar a situação desse grupo e, em particular a mulher idosa, uma vez que o envelhecimento populacional está relacionado a questões sociais não resolvidas como: pobreza, exclusão da população e desigualdades vigentes nessas sociedades (CAMARANO; PASINATO, 2004).

Segundo Ana Amélia Camarano (2010), o rápido processo de envelhecimento no País está relacionado à queda da taxa de fertilidade e à redução da mortalidade nas idades avançadas. Esse processo pode ser explicado por fatores como o uso de contraceptivos (que influencia na redução do tamanho das famílias) e o novo papel da mulher na sociedade (melhor nível de educação, ingresso ao mercado de trabalho, por exemplo). Esses fatores levam a acreditar que o Brasil, ao experimentar o processo rápido de envelhecimen-

to neste início de milênio, deixa de ser um “país de jovens” e passa a ser considerado um “país de população idosa”.

Assim, considerando a sociedade como um lugar onde “a cultura é a parte do ambiente que é feita pelo homem” (SANTAELLA, 2010, p. 31) e onde o cinema é um meio de comunicação considerado sinônimo de mídia, difusor de modelos sociais e culturais que ajuda os indivíduos a se comunicarem entre si por auxiliar na recepção ou transmissão da informação, este estudo analisa a mulher idosa na contemporaneidade atentando para como essa mulher atua hoje, para as mudanças sociais por quais ela passa, observando, como dito acima, as protagonistas dos filmes *Central do Brasil* e *Depois daquele baile*, Dora e Doris, uma vez que o filme pode ser uma reconstrução da realidade e o cinema torna os indivíduos testemunhas da ação ali representada.

2 A MULHER IDOSA – DA SOCIEDADE ANTIGA À SOCIEDADE ATUAL

Até o começo do século XX, as informações sobre as mulheres eram obtidas por meio de cartas e diários. Muitas dessas informações foram destruídas pelas mulheres casadas, com a finalidade de se adequarem aos padrões sócio-culturais do silêncio e quietude femininos (ROCHA-COUTINHO, 1994). Com a recuperação da história oral e autobiográfica, a história das mulheres passou a ser valorizada e contada no espaço doméstico Privado e também no espaço Público.

Assim, a realidade da velhice da mulher nas sociedades antigas não se torna fácil de ser conhecida pelos historiadores, embora se saiba que a vida nessa época era muito dura, devendo os indivíduos, inclusive as mulheres, possuírem boa saúde e resistência física para superar as inúmeras enfermidades.

Naquela época, “a velhice começava cedo e a longevidade era rara e ‘selecionada’ [. . .], porque cuidar da saúde era privilégio de uma minoria abastada” (MASCARO, 2004, p. 25) e não existia opinião formada ou institucionalizada a respeito da aposentadoria dos trabalhadores.

Na Alta Idade Média, o feudalismo foi estruturado e desenvolvido. Nesse período as mulheres idosas tinham condição de vida muito difícil, de muita inferioridade e “o destino que aguardava essas idosas era solidão e pobreza” (MASCARO, 2004, p. 30). Já no Renascimento, havia uma exaltação à beleza e ao vigor dos corpos jovens, especialmente o corpo feminino, assim, a imagem da mulher idosa era cruelmente desprestigiada e ela era “comparada muitas vezes a uma feiticeira” (MASCARO, 2004, p. 31).

No final da década de 1950 e início dos anos 1960 do Século XX, a população mundial de idosos começa a aumentar, inicialmente nos países desenvolvidos, em decorrência de fatores como: queda de mortalidade, grandes conquistas do conhecimento médico, urbanização adequada das cidades, melhoria nutricional, elevação dos níveis de higiene pessoal e ambiental tanto em residências como no trabalho, como também em decorrência dos avanços tecnológicos.

Nos países em desenvolvimento, entre eles o Brasil, nos últimos 60 anos, a ampliação da expectativa de vida é evidenciada pelos avanços tecnológicos relacionados à área de saúde, entre eles a criação de vacinas, antibióticos e quimioterápicos que tornaram possível a prevenção ou cura de muitas doenças. Aliado a este fator, iniciada na década de 1960, a queda de fecundidade ocasionou uma grande explosão demográfica. Com essa explosão a noção de velhice surge como etapa diferenciada da vida e a convergência de discursos diferenciados e mudanças específicas reordena o curso da vida e motiva condições para o indivíduo que chega à velhice. Foram fatores fundamentais e determinantes a formação de novos saberes médicos que investiam sobre o corpo envelhecido e a institucionalização das aposentadorias.

Segundo Tavares (2005, p. 101),

O fenômeno demográfico de elevação da expectativa de vida e de maior proporção de idosos nas sociedades, principalmente nos países em desenvolvimento, tem gerado espanto e suscitado debates sobre a velhice e o envelhecimento em todos os âmbitos, quer sejam leigos, científicos ou governamentais.

Dessa forma, a idosa, cada vez tem mais esperança de vida. Porém, apesar dessa esperança de vida, Délcio Lima (1998), em sua pesquisa sobre as consequências do envelhecimento populacional no Brasil, identificou que a sociedade se desinteressa pelo idoso, entende que ele não tem futuro, que já desempenhou seu papel no mundo, argumenta que ele não tem razão para viver, pois

cumpriu seu percurso natural e deve aguardar a morte para desistir da vida.

Esta representação da velhice apontada por Lima (1998) está relacionada à imagem presente na teoria do desengajamento¹. Na cultura brasileira, nem todos desengajam e isso é evidenciado pelo crescente número de pessoas com mais idade que permanecem empregadas, saudáveis, política e socialmente ativas. O envelhecimento bem sucedido é, portanto, possível de ser conseguido pelas pessoas que permanecem engajadas na sociedade.

Em nosso País, na atualidade, uma vez que a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera que uma população está envelhecida quando a proporção de pessoas com 60 anos ou mais atinge 7%, observam-se idosos engajados socialmente, pois aumenta o número de pessoas idosas e a visibilidade e capacidade de organização dessas pessoas como grupo específico por meio de associações e sindicatos.

Esses grupos surgem com a aposentadoria, que nasce como uma instituição social, para assegurar aos indivíduos renda permanente até a morte, de acordo com a crescente necessidade de segurança individual que marca a atual sociedade. Nessa capacidade de organização os aposentados aparecem como novos atores e são chamados de “ator político” por Júlio Simões (2004, p. 28), passando a ser identificados de maneiras diversas, inclusive politicamente, como sujeitos que compartilham o mesmo espaço social. Esses novos atores – entre eles as mulheres –, por meio da organização de grupos alcançaram a aposentadoria e a criação de lei e estatutos.

Isolamento e angústia são sentidos, com a aposentadoria, mais pelos homens do que pelas mulhe-

¹ Segundo Cumming e Henry (1961), a teoria do desengajamento na velhice parte do senso comum, isto é, pessoas idosas estão menos envolvidas na vida social do que na juventude. O envelhecimento, nesta teoria, é um acontecimento mútuo e inevitável de retirada ou desengajamento, onde diminuem as interações entre aquele que está envelhecendo e os indivíduos do seu sistema social.

res, pois, segundo Debert (1998), existem diferenças na forma de sentir a aposentadoria entre eles, ou seja, o homem possui maior dificuldade de adaptação neste período que implica passar um tempo maior no espaço privado da sua casa, uma vez que eles estabelecem suas relações ao longo de suas vidas, no espaço público e no mundo do trabalho.

Muitos dos homens idosos em casa se dedicam a atividades que antes não tinham tempo como a leitura, prática de esportes e não demonstram interesse pelas atividades da casa e pelos grupos de convivência para terceira idade, motivo que justifica os grupos de convivência ser basicamente composto por mulheres.

As mulheres, como são mais ligadas à família e ao espaço privado do lar no decorrer da vida além do papel de trabalhadoras, desempenham outros papéis sociais significativos, adaptam-se mais facilmente à aposentadoria e preferem atuar no lar, participar dos grupos de convivência, passear e viajar.

As idosas, após a aposentadoria procuram a reinserção no mercado de trabalho. A reinserção é muito importante, uma vez que o emprego é instrumento para a satisfação de necessidades materiais do trabalhador e de sua família. Cabe ressaltar que muitas idosas associam trabalhar não só à sobrevivência, mas também a elementos compõem o perfil de um excelente trabalhador, como honestidade, solidariedade, fé, bom desempenho de papéis familiares e sociais.

É de suma importância para muitos dos idosos manterem-se em atividade. E no Brasil, onde, em finais do século e início deste novo milênio, o pensamento da sociedade era de que apenas os mais jovens deveriam atuar no mercado de trabalho, o pensamento mudou, porque deixou de ser um país de jovens e o quadro de preconceito com relação à conservação do idoso nesse mercado começou a mudar. O País se organiza e procura formas para absorver os idosos que desejam e necessitam permanecer produtivos.

No decorrer dos séculos, a visão sobre o idoso tem sofrido mudanças e a criação da Gerontologia foi a possibilidade de se entender a velhice como um processo inerente à vida, sem mais se preocupar em encontrar uma “cura” para o envelhecimento biológico (SANT’ANNA, 2000). Para Debert (1994), a nova abordagem dada à questão do envelhecimento torna o envelhecer diferenciado para homens e mulheres.

Entre os estudos sobre envelhecimento populacional, uma área que tem recebido muita atenção é a “feminização da velhice” (CAMARANO, 2003, p. 35), uma vez que há menor mortalidade feminina e, assim, as mulheres predominam entre a população idosa, ou seja, homens morrem mais cedo e mulheres vivem mais.

Como observado, as mulheres vivem mais, portanto, cabe observar as condições de vida da mulher idosa, atentando para sua inserção na família e na sociedade.

Segundo Camarano (2003, p. 35),

A maior preocupação com a questão do envelhecimento populacional e, em especial, com o feminino, decorre do fato de se encarar esse contingente como dependente e vulnerável não só do ponto de vista econômico, como também de debilidades físicas, o que pode acarretar perda de autonomia e incapacidade para lidar com as atividades do cotidiano. [...]

É inegável que a idade traz vulnerabilidade, mas o momento em que se iniciam, bem como a sua intensidade, são diferenciados por gênero, raça, grupos sociais etc.

Nos dias atuais, para que a mulher idosa tenha uma boa qualidade de vida e bem estar é importante observar sua moradia e convívio com a família, pois no seio da família é possível participar de um ambiente onde, por meio da individualidade de cada um, é possível a identificação com o companheirismo, o respeito, a dignidade.

3 AFETIVIDADE E SOCIABILIDADE DA MULHER IDOSA

A “feminização da velhice” tem ganhado muita atenção, pois, “quanto mais idoso é o contingente, maior é a proporção de mulheres” (CAMARANO, 2003, p. 37). Porém, as mulheres, entre os idosos, experimentam maior probabilidade de ficarem viúvas e em situação socioeconômica desvantajosa, porque a maioria delas não teve um trabalho remunerado durante a sua vida adulta. Muitas delas também, antes na morte, passam por maior período de debilitação biológica que os homens e, mais que eles, participam de atividades extradomésticas de organizações e de movimentos de mulheres, cursos especiais, viagens, grupos de sociabilidade e até trabalho remunerado temporário (CAMARANO, 2003).

O “lugar social do idoso”, em particular da mulher idosa, sofre mudanças em distintos momentos históricos, tanto em uma mesma sociedade, como entre sociedades diferentes e em classes e grupos sociais diferentes; e as idades, definidas socialmente, se modificam de acordo com a composição da população (LENOIR, 1998).

Seeger exemplifica a forma de viver em sociedade, ao tratar em sua pesquisa dos índios Suyá:

Uma das lições mais importantes que os Suyá repetidamente me ensinaram foi que aquilo que com muita frequência eu tomava como sentimentos ou comportamentos individuais era, na verdade, a expressão de sentimentos e comportamentos culturalmente definidos, adequados a determinada categoria de pessoas. Essa descoberta é fundamental para a Antropologia em todas as suas formas, e foi especialmente importante para compreender as atividades aparentemente excêntricas dos membros da classe de idade de pessoas velhas, os *wikényi*. (SEEGER, 1980, p. 62)

Seeger fala de comportamentos culturais e diz, ainda, que entre os Suyá: “As mulheres velhas normalmente não se tornam tão dependentes quanto os

homens velhos. Estão intimamente envolvidas nas atividades domésticas de suas filhas [...]”. Isso se dá nos dias atuais, pois as idosas também se envolvem nas atividades domésticas de suas filhas, cuidando dos seus lares e de seus filhos (seus netos).

Apesar de a idade trazer vulnerabilidade e o contexto social atual demonstrar certo descrédito quanto à mulher idosa, essa mulher está vivendo mais e em melhores condições de vida. Isso se deve “à ação conjunta de três fatores: a ampliação da cobertura previdenciária, o maior acesso aos serviços de saúde e o crescimento da tecnologia médica” (CAMARANO, 2003, p. 41).

Ao se falar de saúde, cabe buscar entender a velhice e a morte como fenômenos patológicos. Esses fenômenos abrem probabilidades de ações práticas que podem retardar, amenizar ou até anular os efeitos do envelhecimento e “enganar” a morte (MORIN, 1997). Assim, o homem ocidental contemporâneo tem avançado cientificamente ao desenvolver substâncias e técnicas que contribuem para o aumento do tempo da juventude e para uma vida mais longa. E o homem continua em busca da juventude, de uma vida mais longa.

Myrian Lins de Barros (1987, p. 187), diz que:

A pessoa realiza revisões sucessivas durante a vida e a revisão nessa etapa [na velhice] parece se dar também em função do conhecimento no fim da vida e da proximidade da morte.

A presença da morte já faz parte desse momento da vida: vários parentes e amigos de sua geração já morreram, bem como, evidentemente, das gerações ascendentes. Essa presença por si só traz a força da revisão da vida e também a familiaridade com a ideia do fim.

Sentir familiaridade com a morte não é fácil, pois é tendência do ser humano, pensar na morte do outro. Isso se dá, também, com relação à velhice, ou seja, se pensa que apenas o outro envelhece. Esse fato demonstra o receio em se encarar a velhice porque o indivíduo passa por transformações vitais determinadas a todo ser vivo e é quando ele, por estar na maturidade, tem mais consciência da finitude, repensa o passado, observa o presente e imagina futuro.

É certo que envelhecer é diferente de pessoa para pessoa, isso devido a diversos fatores como tempo, hereditariedade e meio ambiente, os quais influenciam com o passar dos anos. E, conforme Mascaro (1996), a mídia interfere na concepção da sociedade e influencia o idoso que passa a se comportar como ela o apresenta. E a idosa ativa, gosta de viver, quer viver mais, quer qualidade de vida, bem estar.

O conceito de qualidade de vida está relacionado à autoestima, ao bem-estar pessoal e abrange aspectos como a capacidade funcional, o nível socioeconômico, o estado emocional, a interação social, a atividade intelectual, o autocuidado, o suporte familiar, o estado de saúde do indivíduo, os valores culturais, éticos e a religiosidade, o estilo de vida, a satisfação com o emprego e/ou com atividades diárias e o ambiente em que se vive.

Na busca por qualidade de vida do idoso, surgiram nos anos 60 na sociedade brasileira, iniciativas com vistas a promover um envelhecimento bem sucedido. O Serviço Social do Comércio (SESC) abriu, nesse período, espaço para que associados de idade elevada pudessem se reunir para participar de atividades definidas como de lazer.

Nos anos 80, essas atividades proliferaram por meio do encontro das pessoas idosas em grupos organizados de convivência: clubes, escolas e cursos, entre esses os programas para a terceira idade, onde o idoso tem a oportunidade de expressar e propor novos padrões para uma geração que se

aposenta e envelhece ativamente, com isso é possível perceber a mudança de mentalidade dos idosos. Esse convívio, atualmente, é fortalecido por uma comunicação cada vez mais adequada e que estimula o pensar, o fazer, o dar, o trocar, o reformular e o aprender do idoso.

O conviver em sociedade possibilita o engajamento do idoso em atividades que o faz se sentir útil, até mesmo o que possui boas condições financeiras, por estar envolvido em atividades que lhe proporcionarão prazer e felicidade, isto é, eles se mantêm engajados socialmente e a relação com outras pessoas contribui significativamente em sua qualidade de vida.

Em consonância com o Estatuto do Idoso, Capítulo V “Da Educação, Cultura, Esporte e Lazer” Art. 20 que delibera: O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade (Brasil, 2011) e visando facilitar o bem viver dos idosos tem-se buscado a realização de atividades culturais.

A Universidade Aberta à 3ª Idade (UATI) surge, com o intuito de integrar o idoso à sociedade, em oposição às instituições asilares e com a intenção de envolvê-lo em atividades culturais, porque ele é “o agente do processo educativo e que, por isso, o trabalho é feito ‘com ele’, e não ‘para ele, ou ‘por ele” (JUNQUEIRA, 1998, p. 31).

Clarice Peixoto (1997, p. 73) diz que nas universidades da terceira idade:

As pessoas vêm em busca de novas amizades, assim como para vencer a solidão [. . .] O que há de específico nas universidades da terceira idade é a oferta de atividades voltadas para a educação permanente, mas principalmente, a possibilidade de estabelecer relações com as gerações mais novas.

Refletindo sobre sociabilidade, Alda Motta diz que grupo organizado é: “Um fenômeno próprio da socie-

dade atual, [. . .] encontro de pessoas idosas em grupos organizados, de variadas propostas, desenvolvendo uma sociabilidade marcadamente intrageracional” (MOTTA, 2004, p. 109).

Esses grupos, compostos mais por mulheres, são bem aceitos por elas, porque encontram nesse viver em sociedade uma boa relação com seus pares e muitas delas gostam mais de serem chamadas de idosa, porque, para elas, o termo velho representa preconceito.

Ao se falar em preconceito, socialmente o que existe com relação à sexualidade é muito forte, uma vez que há uma concepção de que a idosa é assexuada. Quando ela é vista assim, é como se não tivesse mais direito a amar, a viver a afetividade. Porém, as reflexões sobre o amor remontam de longa data e a idosa, como todo indivíduo, sente desejo pelo outro, quer carinho, afago, companhia.

Esse preconceito é percebido em diversas áreas de sociabilidade, inclusive nas salas de bate-papo na internet. Ali, os indivíduos a partir de 50 anos são considerados idosos, quando institucionalmente na sociedade se é idoso a partir dos 60 anos. Assim, para esta alta tecnologia, quando se é idoso parece que se é “improvável para o aprendizado de novas linguagens. [. . .] O corpo e a sexualidade são alvo preferencial” (BARROS, 2004, p. 21).

A pesquisadora Alda Motta (2004) trata de uma sociabilidade pura, espontânea, que ocorre no encontro de idosos em praças. Ela acrescenta que observou, em um grupo de terceira idade de uma faculdade em que fez investigação na cidade de Salvador, que não há contato de idosos com jovens, nem mesmo nas programações festivas em que as famílias comparecem. E ela rotula esses grupos como “de convivência”. Essa autora, ainda em reflexão sobre sociabilidade, diz serem bons o reencontro e a solidariedade geracionais enquanto o idoso busca uma redefinição de um lugar social e acrescenta que de-

verão ser também base e fortalecimento para busca, busca essa que deveria ser da sociedade inteira, ou seja, “da convivência, privada e pública, com as outras gerações. [. . .] Resta, então, por enquanto, o encontro geracional. Que não é tudo, mas também não é pouco [. . .]” (MOTTA, 2004, p. 118-119).

Alda Motta (2004) defende o encontro entre gerações. E, no Brasil, apesar dos programas existentes, ainda cabe aos idosos assegurarem sua sobrevivência e estratégias de sociabilidade. E nas camadas populares, a sociabilidade se restringe à relação com a família e com a vizinhança em virtude de suas precárias condições de vida, uma vez que não têm autonomia financeira. Nas camadas médias, os velhos, para combater a solidão, buscam companhia e distração nos espaços públicos como praças, parques e praias.

Cabe, mais uma vez, ressaltar a importância da família, já que a sociabilidade do idoso, nas diversas camadas sociais, tem como base o núcleo familiar. Segundo Velho (1999) é dentro da família e a partir desta que se desenvolvem as relações e dramas psicológicos e sociais mais significativos, para ele o mundo só faz sentido e ganha significado com a família nuclear como referência e palco central. E a família é o principal ponto de apoio ao idoso, sobretudo porque o Estado brasileiro não oferece políticas sociais e assistenciais que supram as necessidades da população (PEIXOTO, 2004).

É interessante aqui, concordar com Beauvoir, que em 1970 dizia ser seu objetivo “quebrar a conspiração do silêncio” com relação à velhice. Percebe-se que esse silêncio vem sendo “quebrado”, porque aumentam os estudos sobre o tema e idosos são personagens em comerciais, novelas e filmes. E por meio dos filmes analisados nesta pesquisa, poder-se-á refletir a respeito de questões relacionadas à mulher idosa.

4 A MULHER IDOSA EM NARRATIVAS FÍLMICAS BRASILEIRAS

4.1 DORA – CENTRAL DO BRASIL

Central do Brasil é um filme de 1998, indicado ao Oscar de melhor filme e melhor atriz para Fernanda Montenegro em 1999 e recebeu o Urso de Ouro em Berlim (NAGIB, 2002); é baseado em história do diretor Walter Salles e seu roteiro de Marcos Bernstein e João Emanuel Carneiro. Retrata a vida de Dora (Fernanda Montenegro) e Josué (Vinicius de Oliveira).

Dora tem sessenta e poucos anos, é uma professora aposentada que complementa sua aposentadoria escrevendo cartas para analfabetos na maior estação de trens do Rio de Janeiro (Central do Brasil). Dessa forma, ela luta para sobreviver, pois ao escrever cartas busca completar o orçamento, conforme diz a César (Othon Bastos): “Eu fui professora primária, depois que eu me aposentei aí eu comecei a fazer isso para ajudar no orçamento da casa”.

Central do Brasil apresenta, com muita sensibilidade, o cotidiano dessa mulher idosa que perdeu o contato com o afeto, tornando-se fria e angustiada, e seu encontro com Josué, um garoto solitário, órfão de mãe e determinado a reencontrar o seu pai. Esse encontro representa para Dora a possibilidade de re-

denção através da descoberta do afeto. O garoto, por uma série de contingências, leva Dora a vivenciar mudanças profundas em sua vida.

E Dora, que demonstra com seu mau humor iminente, cabelos despenteados, roupas desleixadas, quase masculinas, não se preocupa em ser atraente para ninguém, ao conhecer César, motorista do caminhão com quem pega carona, evidencia que não é assexuada e que quer ter um companheiro, particularmente ao se arrumar para ele quando usa batom. Com a fuga de César, porém, pela primeira vez, ela chora. É um somatório de sua frustração junto com sentimento que renasce ao desejar um homem.

E Dora, no início do filme que era uma mulher sozinha, mesquinha, rabugenta, sem a menor autoestima, no final do filme, continua sozinha, mas mudou muito em sua identidade. Ao acompanhar o pequeno herói da história, Josué, a voltar para casa, na verdade é ela quem se transforma durante a viagem. A mulher que parte, deixando o menino com seus irmãos, segue usando o vestido novo, dado a ela pelo menino; ela leva um colorido novo no rosto e nos lábios, que aprenderam a sorrir e a chorar.

4.2 DÓRIS – DEPOIS DAQUELE BAILE

Depois Daquele Baile, filme de 2005, venceu na categoria melhor filme na mostra Tiradentes de Belo Horizonte. Tem roteiro de Susana Schild, é baseado em peça teatral de Rogério Falabella e dirigido por Roberto Bomtempo. É um filme sobre a terceira idade, conta a história de Dóris (Irene Ravache), uma mulher de aproximadamente 65 anos, viúva, alegre, sonhadora. Usa cabelos loiros e cacheados à altura dos ombros, saias

e vestidos, ou calças com blusas de cores em tons alegres. Sua filha mora nos Estados Unidos e ela vive em Belo Horizonte, em uma casa espaçosa de uma vila, na companhia de Beth (Ingrid Guimarães), sua sobrinha, uma jovem de aproximadamente 25 anos.

Dóris é uma mulher na terceira idade, exuberante e cheia de vida, é especialista em culinária mineira e

oferece um serviço de pensão para poucos clientes. Para agradá-los, ela prepara as refeições de acordo com a dieta de cada um e, nas noites de sexta-feira, promove um jantar dançante. Entre os mais frequentes, estão a idosa Judith (Regina Sampaio), o jovem Cosme (Chico Pelúcio), Freitas (Lima Duarte) e Otávio (Marcos Caruso), esses últimos são dois grandes amigos que dividem confidências e uma grande paixão por Dóris. Ambos disputam a atenção da anfitriã.

Dóris se relaciona bem com seus clientes; financeiramente conta com a pensão que recebe após a morte do marido e o valor recebido do serviço de culinária prestado em sua casa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À medida que a população idosa cresce e ganha visibilidade, seja por meio de comerciais de TV, novelas e, também, no cinema, observa-se que outros setores da sociedade são influenciados e exercem influência na reformulação das representações acerca da velhice e do envelhecimento.

O mercado de trabalho, nas décadas de 1970 e 1980, poderia ainda ter alguma restrição aos profissionais acima de 40 anos, uma vez que essas pessoas não tinham grande consciência sobre sua própria saúde e muitas delas apresentavam problemas de saúde, exaustão e redução da capacidade de trabalho. Hoje esse quadro tem mudado.

As protagonistas dos filmes em estudo, porém, apresentam reformulação das representações acerca da velhice e do envelhecimento, buscam a reinserção no mercado de trabalho quando Dora, apesar de aposentadas procura, mesmo informalmente, se dedica ao trabalho, escrevendo cartas e Dóris, que nunca trabalhou, após ficar viúva, complementa sua renda (benefício recebido como pensionista

Apesar da idade avançada, Dóris alimenta sonhos de encontrar um amor. Seus sonhos são pouco alcançáveis, na visão de Beth, cujas desilusões amorosas a transformam em uma pessoa crítica e pouco esperançosa, fazendo-a acreditar que, na idade de Dóris, não é mais possível encontrar um grande amor. Porém, Dóris demonstra que todo ser humano “deseja amar e ser amado, ser útil e independente e sentir o significado profundo que representa a sua existência ao longo de todo o curso da vida” (CAPODIECI, 2000, p. 22).

pela morte do marido) executando um serviço de pensão em sua casa.

Essas mulheres substituem o vazio financeiro e de isolamento, muitas vezes, ocasionado pela aposentadoria ao encontrarem atividades substitutivas. Elas demonstram também que não cabe supor que a retirada de pessoas mais velhas dos papéis úteis seja algo bom para a sociedade.

As protagonistas evidenciam que, apesar de o corpo passar por uma transformação física, há na idosa uma memória, um registro de histórias no horizonte da temporalidade. Elas demonstram que a mulher, após a aposentadoria, anseia por viver e viver bem, desejando exercitar sua feminilidade através do amor e do prazer sexual e não se deixam deslocar para uma “zona de entorpecimento” (ECKERT; FRANÇA, 1999): Dora, com o trabalho e a ajuda de Josué e o seu interesse por César e Dóris ao ser cortejada por Otávio e Freitas. Elas buscam outra possibilidade para si, se reconstróem a partir do momento em que aceitam o fluxo que a vida lhes apresenta, por meio de um relacio-

namento amoroso; elas são capazes de “reformular” o seu modo de ser no mundo e fazem outras escolhas, que diferem das feitas anteriormente.

Dora e Doris, em suas atitudes, demonstram, ainda, que a idosa possui conhecimentos que podem ser trocados com os mais jovens: Dora na sua convivência com Josué e Dóris com sua sobrinha Bete; pois, as concepções são ilusórias ao se pensar que somente os velhos envelhecem ou que o “velho é sempre o outro” como escreve Beauvoir (1990).

Por fim, Dora e Dóris confirmam que se pode envelhecer adequadamente, exercitando as renúncias necessárias que um possível declínio do corpo e da juventude solicita, especialmente, no tocante às práticas sexuais e efeitos do prazer erótico. Elas percebem, como mulher, que o limite não é necessariamente a morte biológica, mas sim a morte social; morte essa que retira do indivíduo sua autonomia e sua independência, ou seja, sua condição de agir plenamente como indivíduo.

Cabe ressaltar que a família tem um lugar de destaque na criação de uma estrutura que estimula

novos caminhos para o idoso, e isso é representado por Dora na sua relação com Josué e por Dóris ao viver bem com sua sobrinha e manter uma boa relação com sua filha. Assim, vale apontar para a necessidade do encontro de gerações, quando haverá uma verdadeira convivência, troca de ideias, aprendizado e a possibilidade de uma luta em conjunto para que as leis sejam postas em prática e não fiquem apenas no papel.

Por fim, há muito para se refletir a respeito do sentimento da idosa não só no Brasil mas também no mundo, uma vez que muitas das construções mentais e experiências vividas por ela foram forjadas e vivenciadas em outro tempo social, no passado. Porém, não cabe apenas uma remissão ao passado porque a experiência é uma jornada que não termina. Principalmente para aquelas idosas – vistas cada vez em maior número – abertas a mudanças, ao novo, dispostas a aprender e que têm buscado o aprendizado; aquelas que inovam, participam ativamente da vida social, das lutas por melhorias, que também acompanham os avanços da comunicação, da ciência, da tecnologia.

REFERÊNCIAS

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Autoridade e Afeto:** avós, filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

Brasil. **Organização Mundial de Saúde (OMS).** Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/area.cfm?id_area=360> Acesso em: 5 dez. 2011.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. O

envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: CAMARANO, Ana Amélia (org). **Os novos idosos brasileiros:** muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, Ana Maria. “Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança?”, **Estudos avançados**, n. 17, 2003.

CAMARANO, Ana Maria. **Palestra sobre a situação da população do futuro e o seu envelhecimento.** Disponível em: <http://memoriadodaee.wordpress.com>

com/2010/05/14/ana-amelia-camarano-especialista-do-ipea-comenta-a-situacao-da-populacao-do-futuro-e-o-seu-envelhecimento/>. Acesso em: 20 de julho de 2010.

CAPODIECI, Salvatore. **A idade dos sentimentos: amor e sexualidade após os sessenta anos**. São Paulo: EDUSC, 2000.

CUMMING, Elaine; HENRY, William E. **Growing Old: the process of disengagement**. New York: Basic Books, 1961.

DEBERT, Guita Grin. A vida adulta e a velhice no cinema. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (org). **Cinema, velhice e Cultura**. Campinas: Alínea, 2005.

ECKERT, C. e FRANÇA, M. C. C. Cc. **Olhares sobre o viver**, o envelhecer e o morrer de mulheres Idosas na cidade de Porto Alegre. Disponível em <http://www.iluminuras.ufrgs.br/artigos/2004-09-olhares-sobre-viver.pdf> Acesso em 30 de jul. 2009.

LIMA, Delcio Monteiro de. **O Peso da Idade: panorama da velhice no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.

MASCARO, Sonia de Amorim. **O que é velhice**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004

MCGREGOR, Douglas. **Motivação e liderança**. São Paulo: Brasiliense, 1973.

MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MOTTA, Alda Brito da. Sociabilidades possíveis: idosos e tempo geracional. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (org). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

NAGIB, Lúcia (org.) **O cinema da retomada: depoimentos de 90 cineastas dos anos 90**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. “Histórias de mais de 60 Anos”. **Estudos Feministas**, v. 5, n. 1, p. 148-158, 1997.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Introdução: processos diferenciais de envelhecimento. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (org). **Família e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos**. A mulher brasileira nas relações familiares. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **O velho no espelho: um cidadão que envelheceu**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2000.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e arte do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2010

SEEGER, Anthony. Os velhos nas sociedades tribais. In: SEEGER, Anthony (org). **Os índios e nós** (Estudo sobre sociedades tribais brasileiras). Rio de Janeiro: Campus, 1980.

SIMÕES, Júlio Assis. Provedores e militantes: imagens de homens aposentados na família e na vida pública. In: PEIXOTO, Clarice Ehlers (org.) **Família e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

TAVARES, Samila Sathler. “O que rima com idade? Identidade e sociabilidade na velhice em tempos de transição. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de (org). **Cinema, velhice e Cultura**. Campinas: Alínea, 2005.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

Recebido em: 31 de julho de 2012
Avaliado em: 10 de agosto de 2012
Aceito em: 15 de agosto de 2012

1 Mestre pelo Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade da Faculdade de Comunicação/UFBA, Membro do Grupo de Pesquisa Miradas Feminina e servidora da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: anina.messias@gmail.com.